

## Metafísica e exterioridade: Jean Wahl e o gosto empirista de Deleuze<sup>1</sup>

Bernardo de Carvalho Tavares dos Santos\*

**Resumo:** Trata-se de propor paralelos entre Deleuze e Jean Wahl, para demonstrar que há entre os dois uma profunda afinidade de estilo ou gosto filosófico, graças à qual o pensamento do segundo oferece uma profícua via de acesso ao do primeiro. Tais paralelos giram em torno dos temas do empirismo superior como metafísica, da ligação entre empirismo e pluralismo e da filosofia do E. Para propô-los, nomes de aliados comuns de Wahl e Deleuze, como Bergson, William James e Whitehead também serão evocados. Ao final, será possível notar como a decisiva afinidade com Wahl afasta Deleuze e seu empirismo transcendental da chave crítica kantiana à qual ele frequentemente é associado. **Palavras chave:** Deleuze, Jean Wahl, empirismo transcendental, metafísica, filosofia do E.

### Metaphysics and exteriority: Jean Wahl and Deleuze's empiricist philosophical taste

**Abstract:** This paper compares Deleuze's philosophy with Jean Wahl's, in order to show their profound affinity of philosophical style or taste, thanks to which Wahl's ideas offer a fruitful way of accessing Deleuzian thinking. This hypothesis relates to themes like superior empiricism, pluralism and philosophy of the AND, as well as common allies of Wahl and Deleuze, such as Bergson, William James and Whitehead. At the end of the text, such an affinity of taste will help us to start removing Deleuze's transcendental empiricism from the orbit of Kantian critic, to which it is often related.

**Keywords:** Deleuze, Jean Wahl, transcendental empiricism, metaphysics, philosophy of the AND

### Uma afinidade de gosto

A relativa pouca notoriedade de Jean Wahl não é proporcional à sua importância. Figura proeminente do panorama acadêmico e intelectual francês no entreguerras e sobretudo no pós-guerra, ele foi professor da Sorbonne entre meados das décadas de 1930 e 1960, editor da *Revue de Métaphysique et de Morale* por mais de vinte anos e presidente da Sociedade Francesa de Filosofia. Após retornar a Paris do exílio nos EUA durante a

---

<sup>1</sup> Este artigo retoma o título da dissertação de mestrado que o inspira, defendida em 2017 na Universidade de Brasília. Ele não resume todos os assuntos abordados ali, mas antes reelabora diretamente, e de uma maneira mais estrita e bem delimitada, espera-se, os temas indicados especificamente no título, daí a manutenção deste último. SANTOS, B. *Metafísica e exterioridade: Jean Wahl e o gosto empirista de Deleuze*. 2017, 108p. Dissertação (Mestrado) PPGFIL UnB, Brasília. Agradeço a Hilan Bensusan e ao Anarchai pela oportunidade de discutir e desenvolver o projeto de mestrado, e a Sandro Kobol e ao GPFID pelas variadas discussões que, mais recentemente, me ajudaram a amadurecer as ideias.

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unifesp. Contato: mail.bernardo@gmail.com

Segunda Guerra, Wahl criou o *Collège Philosophique*, um “centro de filosofia viva” independente do sistema universitário, que abriu espaço para inúmeros pensadores, acadêmicos ou não, representantes de diferentes disciplinas e partidários de variadas tendências, tanto conhecidos como iniciantes, exporem suas ideias. Entre eles, Bataille, Lacan, Sartre, Merleau-Ponty, Ricoeur, Hyppolite, Lévinas, Derrida e o próprio Deleuze<sup>2</sup> — como confirma, na falta de outros registros, o testemunho de Jean-Pierre Faye<sup>3</sup>. Esse último, ademais, relata que o “*Collège Philosophique* de Jean Wahl”, foi uma “realidade microscópica e onipresente” que se confundiu ao próprio pós-guerra na França.<sup>4</sup>

Discípulo e amigo próximo de Bergson, Wahl é reconhecido como introdutor na França das filosofias de William James, Whitehead e Kierkegaard. Ele também participou dos esforços para reabilitação de Nietzsche das apropriações nazistas, escrevendo frequentemente a seu respeito (por exemplo, na célebre revista *Acéphale*) e tornando-se, em 1959, o primeiro professor de Filosofia da Sorbonne a lhe dedicar um curso<sup>5</sup>. Com o livro *Le malheur de la conscience dans la philosophie de Hegel* (1929), Wahl também escreveu, ainda que de forma crítica ao Sistema, um importante capítulo na história dos estudos hegelianos na França. Bruce Baugh assume que ele teria levantado nessa ocasião questões que influenciariam toda a filosofia francesa, desde então até o dito pós-estruturalismo<sup>6</sup>. Independentemente de tal hipótese, certo é que Sartre<sup>7</sup>, Lévinas<sup>8</sup>, e os professores de Deleuze, Jean Hyppolite<sup>9</sup> e Ferdinand Alquié<sup>10</sup>, declararam expressamente ter sofrido a influência de Jean Wahl.

---

<sup>2</sup> Sobre o *Collège Philosophique*, a vida e o pensamento de Wahl, ver MOORE, I. A. & SCHRIFT, A. D. “Existence, experience and transcendence: an introduction to Jean Wahl.” In: WAHL, J. *Transcendence and the concrete: selected writings*. Nova York: Fordham University Press, 2017, p.1-31.

<sup>3</sup> “[...] no *Collège Philosophique* de Jean Wahl, Gilles se levanta [...] para falar sobre ‘alguns elementos do conceito de verdade’: impossível pensar nesta sem seu contrário, que não é o erro, mas a besteira. Donde a urgência de uma ‘analítica transcendental da besteira’”. (FAYE, J-P. “J’étouffe, je te rappellerai.” In: *Libération*, Paris, 7 novembro 1995. Disponível em: <[https://next.liberation.fr/culture/1995/11/07/j-etouffe-je-te-rappellerai\\_150471](https://next.liberation.fr/culture/1995/11/07/j-etouffe-je-te-rappellerai_150471)>. Acesso em: 19 julho 2020.)

<sup>4</sup> FAYE, J.-P. “Inlassable questionneur.” In: Ory, P (org.). *Mots de Passe, 1945-1985: petit abécédaire des modes de vie*. Paris: Autrement, 1985, p. 70-72.

<sup>5</sup> MOORE & SCHRIFT. Op. cit., p.18.

<sup>6</sup> BAUGH, B. *French Hegel: from surrealism to postmodernism*. N. York/Londres: Routledge, 2003. Para além do escopo dos estudos hegelianos, a leitura de Wahl, nas palavras de Baugh, “influenciou todos aqueles pensadores franceses [...] que se preocuparam com divisões irremediáveis e diferenças intransponíveis”, preocupação esta que, nas palavras dele, “em diversos graus [...] abrange do existencialismo e do surrealismo às várias críticas pós-estruturalistas da ‘totalidade’ e da ‘história’”, constituindo um “tema dominante na filosofia francesa desde os anos 1920”. (Ibidem, p.2)

<sup>7</sup> SARTRE, J-P. *L’être et le néant*. Paris: Gallimard, 1943, p.64, 448-9. SARTRE. *Search for a method*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1963, p.19 (publicado em francês como “Quésition de méthode”).

<sup>8</sup> LÉVINAS, E. *Totalité et infini: essai sur l’extériorité*. Paris: Le livre de Poche, 1990. LÉVINAS. *Noms propres*. Paris: Le livre de Poche, 1997, p. 131-140.

<sup>9</sup> MOORE & SCHRIFT. Op. cit., p. 21.

<sup>10</sup> ALQUIÉ, F (ed.). *Entretiens sur le surréalisme*. Paris: Mouton, 1968, p.198.

Quanto a Deleuze, é conhecida sua afirmação de 1977, segundo a qual “tirando Sartre [...] o filósofo mais importante da França foi Jean Wahl<sup>11</sup>”. A referência a Sartre, no entanto, não deve enganar: ela se justifica pelo impacto de sua figura na cultura e no ambiente intelectual franceses, e não por uma simpatia especial que Deleuze nutrisse por sua filosofia (“resta que não me senti atraído pelo existencialismo”, diz ele<sup>12</sup>). Não à toa, no trecho de *Diálogos* citado acima, Deleuze se ocupa em reprovar Sartre por “permanecer pego nas armadilhas do verbo ser”, enquanto celebra Wahl não apenas por ter apresentado aos franceses o pensamento inglês e americano (a cujo elogio se dedica o capítulo ao qual o trecho citado pertence), mas também por tê-los levado a “pensar em francês coisas muito novas”, levando adiante “por sua conta” a arte empirista do “E”, uma “gagueira da linguagem nela mesma”, um “uso minoritário da língua”, em oposição ao primado filosófico do verbo ser. Os termos usados aí não dão qualquer margem à dúvida: Deleuze saúda Wahl expressamente por ter antecipado e desenvolvido a postura que a sua própria filosofia reclama e adota. Não à toa, o texto sobre os postulados da linguística de *Mil platôs*, ao levantar novamente o tema do uso menor da linguagem e da contraposição da “conjunção E” ao “verbo ser”, evoca o nome de Wahl. Em uma nota de pé de página, Deleuze e Guattari ressaltam seu pioneirismo na trilha que eles mesmos estão em vias atravessar: “encontrar-se-á na obra de Jean Wahl uma profunda meditação sobre este sentido do E, sobre a maneira pela qual ele coloca em questão o primado do verbo ser”<sup>13</sup>. Mas esta não foi a primeira menção desse tipo a aparecer na obra deleuziana. Anos antes, em *Diferença e repetição*, além de dedicar a Wahl uma referência *passim* na bibliografia, Deleuze afirma, em uma nota de rodapé semelhante, que ele foi o autor de outra “profunda meditação”, desta vez sobre “a diferença; [...] as possibilidades do empirismo de exprimir sua natureza poética, livre e selvagem; [...] a irreducibilidade da diferença ao simples negativo; [...] as relações *não hegelianas* da afirmação e da negação”.<sup>14</sup> Ou seja, como acontecerá anos depois em *Diálogos* e *Mil platôs*, Deleuze aproximará expressamente o pensamento de Wahl da abordagem e de temas fundamentais da sua própria filosofia, tomando-o como um verdadeiro *precursor*.

E é isso que ele faz também em uma carta de 1972 (à altura, portanto, da publicação de *O anti-Édipo*), na qual manifesta sua completa “admiração” por Wahl e

---

<sup>11</sup> DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1996, p.72

<sup>12</sup> *Ibidem*, p.18-9.

<sup>13</sup> DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980, p.124n.

<sup>14</sup> DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968, p.81n.

destaca a importância que ele tivera para sua geração. “É impressionante como os livros de Jean Wahl”, nos quais ele apresenta e “torna vivos” pensadores como Kierkegaard ou Whitehead, “dominaram tudo que veio depois”, saúda Deleuze. Em suas palavras, Wahl foi um “filósofo-poeta irreduzível à filosofia universitária” que “abalou completamente a filosofia francesa”, com um pensamento que sempre manteve sua atualidade; foi “o pensador das intensidades [e] da crítica da totalidade”, que “fez valer o direito da conjunção E” e “liderou a reação contra a dialética”, quando Hegel dominava a universidade. “Em tudo que foi importante antes e depois da guerra”, conclui Deleuze, “encontra-se o signo de Jean Wahl”.<sup>15</sup> Note-se, para além do tom elogioso, que os temas associados a Wahl — a intensidade, os direitos do E, a crítica ao hegelianismo, à totalidade e mesmo à filosofia universitária — são novamente temas que habitam o universo da própria filosofia deleuziana. De modo que é da profunda intimidade do seu próprio pensamento com o de Jean Wahl que Deleuze dá testemunho mais uma vez.

O que se pretende afirmar com isso, mobilizando o vocabulário de *O que é a filosofia?*, é que as passagens citadas revelam uma marcante *afinidade de gosto*, de estilo *filosófico*, entre as filosofias Jean Wahl e de Deleuze, afinidade esta que é reconhecida diretamente pelo segundo. Ambas integrariam assim uma mesma “família” de planos de imanência filosóficos, o que significa que os movimentos de uma e outra são “componíveis”, “dobram-se uns nos outros”, não se produzindo entre eles alguma oposição, mas sim fenômenos de “variações de curvatura”<sup>16</sup>. Mais importante, portanto, que quaisquer indícios biográficos sobre as relações pessoais e profissionais entre Deleuze e Wahl (que não deixam de ser aqui considerados), são as próprias relações *filosóficas* entre as duas filosofias; relações que não pertencem à história das ideias, mas sim à geografia filosófica, ao “espaço ideal” da filosofia<sup>17</sup>, que *O que é a filosofia?* delinea. Tais relações e a afinidade que nelas se expressa fazem do pensamento de Wahl uma interessante via de acesso para a filosofia deleuziana. E elas podem começar a ser exploradas no encontro entre empirismo e metafísica.

---

<sup>15</sup> Citado por BIANCO, G. “Philosophies du ET. Que se passe-t-il entre (Wahl et Deleuze)?” Comunicação apresentada na *Journée Jean Wahl, le multiple*. Paris, Centre international d’étude de la philosophie française contemporaine ENS, 2005. O áudio dessa palestra constava no arquivo on-line da École Normale Supérieure ao menos até 2017. Ele não se encontra mais disponíveis. A consulta para o presente texto foi no arquivo mp3 salvo naquela ocasião.

<sup>16</sup> DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Qu’est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 2002 p. 74-75.

<sup>17</sup> DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues*. Op., cit., p.22.

## O empirismo superior ou a metafísica empirista de Deleuze

A trajetória deleuziana, como se sabe, é marcada por certo *empirismo*. O livro que a inaugura em 1953 é *Empirismo e subjetividade*, sobre Hume. A seguir, em 1956, no artigo sobre “A concepção de diferença em Bergson”, Deleuze traz à tona a ideia do “empirismo superior”.<sup>18</sup> Tal ideia será retomada mais tarde — com a vontade de potência como princípio — no livro de 1962 sobre Nietzsche, pensador cuja filosofia não se pode compreender, argumenta Deleuze, “sem levar em conta seu pluralismo essencial [...] também chamado de empirismo”<sup>19</sup>. Saltando então algumas obras, alcançamos *Diferença e repetição*, de 1968, primeiro livro propriamente autoral de Deleuze, e que reclama desde o prólogo o ponto de vista de certo empirismo — um que será chamado novamente de “superior” e enfim *transcendental*.<sup>20</sup> E tal perspectiva não deixará de ser retomada no livro seguinte, *Lógica do sentido*, em cujos termos tal lógica, ao mesmo tempo em que supõe um campo transcendental, é também “toda inspirada de empirismo”<sup>21</sup>.

É inevitável reconhecer, entretanto, que a palavra “empirismo” desaparece em *O anti-Édipo* e *Mil platôs*. No entanto, *Diálogos* deixa bem claro que ideias chave do segundo tomo de *Capitalismo e esquizofrenia* — tais como as de rizoma, agenciamento, exterioridade, uso menor da linguagem, multiplicidade ou simplesmente experimentação — são, na visão de Deleuze, conceitos empiristas<sup>22</sup>. E mais: o próprio Guattari é, para ele, uma espécie de empirista. “O que tanto me encantava nos empiristas ingleses era você quem tinha”, afirma Deleuze ao amigo, em carta de 1982<sup>23</sup>. E se Guattari confidenciava duvidar da própria condição de filósofo, por sentir que suas ideias provinham de “convicções e engajamentos extrínsecos” à filosofia, Deleuze insistia na mesma carta que o sentido inverso também era verdadeiro, ou seja, que o parceiro se dirigia à política já animado por “esse tipo de *empirismo transcendental*” característico do seu pensamento filosófico.<sup>24</sup> De modo que parece razoável crer que, ao desaparecimento do termo “empirismo” da obra deleuziana, que coincide com o encontro com Guattari, corresponde na verdade um *aprofundamento do gosto empirista que a move*, e não qualquer atrofia —

---

<sup>18</sup> DELEUZE, G. “La conception de la différence chez Bergson.” In. DELEUZE, G. *L'île désert et autres textes*. Paris: 2002, p.49.

<sup>19</sup> DELEUZE, G. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Minuit, 1983, p.4, 57.

<sup>20</sup> DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968, p.3, 79-81, 186-7, 192.

<sup>21</sup> DELEUZE, G. *Logique du sens*. Paris: Minuit, 1969, p.32.

<sup>22</sup> DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues* Op. cit., p.47-91.

<sup>23</sup> DELEUZE, G. *Lettres et autres textes*. Paris: Minuit, 2015, p.56.

<sup>24</sup> *Ibidem* (grifo nosso).

e uma vez que se atente para essa ideia, talvez ela possa ajudar a pensar sobre o tema da continuidade sem ruptura entre os dois grandes momentos da obra deleuziana. Não à toa, o plano de imanência filosófico em *O que é a filosofia?* será um plano de “empirismo radical”<sup>25</sup>, e o termo “empirismo transcendental” — próprio do momento pré-Guattari — acabará por ser retomado no último texto publicado por Deleuze, *A imanência: uma vida...*<sup>26</sup>

Mas talvez fosse o bastante notar simplesmente que é o próprio Deleuze quem afirma, no prefácio de 1987 à edição estadunidense de *Diálogos*: “sempre me senti um empirista, isto é, um pluralista”<sup>27</sup>. Nesse caso, poderia ser interessante, para abordar o aspecto “superior” do empirismo deleuziano, evocar então uma declaração semelhante e também tardia: “sinto-me um puro metafísico”, responde Deleuze, em 1980, a Arnaud Villani, que lhe perguntava se não se trataria justamente do contrário.<sup>28</sup> Um metafísico e um empirista — eis como o próprio Deleuze se enxerga. E o que mais poderia ser o seu “empirismo superior” senão isto mesmo: uma *metafísica empirista*. Afinal, não é eminentemente metafísico o gesto reiteradamente reclamado por Deleuze, de ir *além* do empirismo simples, de se *eleva*r em relação à experiência imediata?

Decerto tal gesto jamais reconhece uma realidade propriamente metafísica, isto é, uma razão fundamental, mais ou menos substancial, transcendente em relação à experiência concreta. Ao contrário, ele se volta às condições imanentes da experiência. Tais condições, por sua vez, tampouco podem ser meras condições racionais da experiência *possível* para qualquer sujeito, mas sim as condições da experiência *real*, anteriores e nesta medida alheias ao sujeito e aos objetos que ele constrói nos limites empíricos de suas próprias possibilidades intelectuais. E o que a metafísica deleuziana encontra dessa forma é certamente um transcendental, mas um transcendental propriamente empirista, realista, erigido por um esforço filosófico que deliberadamente se contrapõe “à tradição racionalista” da história da filosofia<sup>29</sup>. Trata-se, portanto, de algo bem diferente do que consegue Kant, que só descobriu o transcendental em meio a uma

---

<sup>25</sup> DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Qu'est-ce que la philosophie?* Op. Cit., p.49.

<sup>26</sup> DELEUZE, G. “L’immanence: une vie...”. In: DELEUZE, G. *L’île desert et autres textes*. Paris: Minuit, 2002, p.359.

<sup>27</sup> DELEUZE, G. “Préface pour l’édition américaine de Dialogues”. In: DELEUZE, G. *Deux régimes de fous*. Paris: Minuit, 2003, p.284.

<sup>28</sup> DELEUZE, G. *Lettres et autres textes*. Op. Cit., p. 78. (“Você é um filósofo não metafísico?”, pergunta Villani.) Essa entrevista aparece originalmente como anexo ao ensaio dedicado a Deleuze por Villani (*La guêpe et la orchidée*. Paris: Belin, 1999).

<sup>29</sup> Cf. DELEUZE, G. “Carta a um crítico severo”. In: DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 14.

tentativa expressa de reabilitar o racionalismo diante das ameaças de descrédito definitivo que o empirismo e os desenvolvimentos da ciência moderna lhe dirigiam. Daí Deleuze se aliar a nomes que, sem deixar de estabelecer diálogos com o kantismo, se preocuparam em estabelecer, graças a suas próprias ambições empiristas, uma distância decisiva em relação a Kant.

Assim, em 1956, ao propor pela primeira vez a fórmula do empirismo superior/transcendental — “não se elevar às condições enquanto condições de toda experiência possível, mas sim enquanto condições da experiência real” — é a Schelling que Deleuze remete.<sup>30</sup> E o último Schelling de fato concebeu sua “filosofia positiva” como uma espécie de alto empirismo voltado à experiência real e não sua mera possibilidade racional, denunciando a insuficiência das filosofias “negativas” — ou simplesmente racionalistas — tanto de Fichte e Hegel quanto de Kant.<sup>31</sup> Mas o nome de Schelling, por outro lado, é levantado por Deleuze em um paralelo com o pensamento de Bergson, a quem, segundo ele, a fórmula acima “também convém”.<sup>32</sup> Não à toa, Deleuze retomará a fórmula dez anos depois em *O bergsonismo*, ao afirmar que o método bergsoniano é próximo de uma “análise transcendental”.<sup>33</sup> Bergson, por sua vez, é quem afirma que *o verdadeiro empirismo é a verdadeira metafísica*<sup>34</sup>. Não à toa, o empirista/pluralista Deleuze afirma “sentir-se bergsoniano”, ao assumir para si a tarefa de encontrar a *metafísica* da qual “a ciência moderna tem necessidade”.<sup>35</sup>

Certamente, Schelling e Bergson são precursores e (principalmente, no caso do segundo) fontes do empirismo superior de Deleuze, mas aqui trata-se de reconhecer que *Wahl também é*. E sua presença no pensamento deleuziano não parece menos relevante que a dos filósofos consagrados sobre os quais Deleuze escreveu e de cujas ideias se apropriou. Afinal o empirismo superior é uma ideia que Deleuze provavelmente encontra nas aulas e obras de Wahl, antes de relacioná-la a Schelling, Bergson ou Kant. Pois é Wahl quem se dedica, ao longo de toda a sua trajetória, de forma mais insistente e expressa que os dois primeiros, à defesa e à divulgação desse tipo de empirismo

---

<sup>30</sup> DELEUZE, G. “La conception de la différence chez Bergson.” Op. Cit., p.49.

<sup>31</sup> Cf. SCHELLING, F.W.J. *The grounding of positive philosophy*. The Berlin lectures. Albany: SUNY Press, 2007.

<sup>32</sup> DELEUZE, G. “La conception de la différence chez Bergson.” Op. Cit., loc. cit.

<sup>33</sup> DELEUZE, G. *Le bergsonisme*. Paris: PUF, 2004, p.12-13. (“Ultrapassa-se a experiência em direção às condições da experiência [...] mas estas não são, à maneira kantiana, as condições de toda experiência possível, mas as condições da experiência real”.)

<sup>34</sup> BERGSON, H. “Introduction à la métaphysique.” In: BERGSON, H. *La pensée et le mouvant*. Op. Cit., p. 196.

<sup>35</sup> DELEUZE, G. *Lettres et autres textes*. Op. Cit., p.78.

filosófico, em contraposição às perspectivas kantiana e hegeliana. E é ele igualmente que, ao fazê-lo, toma como exemplos privilegiados e como aliados tanto Bergson quanto o último Schelling.

### **Um militante da revolução empirista da metafísica.**

Em grande parte, Wahl escreveu e ensinou sobre história da filosofia. Mas o mais exato seria dizer que ele pensou com ela, isto é, que mobilizou nomes, tendências e conceitos da tradição, para defender e desdobrar uma perspectiva filosófica determinada — procedimento no qual podemos ver, certamente, mais uma proximidade com a filosofia deleuziana. E tal perspectiva é justamente a de uma metafísica empirista.

O prefácio a *Vers le concret* — reunião de artigos dedicados a William James, Whitehead e Gabriel Marcel publicada em 1932 — é talvez o primeiro texto no qual Wahl reclama e defende diretamente essa ideia de um empirismo superior ou metafísico. O “concreto” ao qual o título do livro e seu prefácio incitam a filosofia a se voltar é, como se lê nas primeiras linhas do texto, aquele que Hegel considera o “mais abstrato” e “mais pobre”, mas “ao qual o empirista e o realista atribuem a maior riqueza”.<sup>36</sup> E se o empirismo se caracteriza por essa valorização do concreto e do particular — isto é, “do dado” como “algo de imediato” que é “acolhido, recebido” e que permanece, enquanto tal, irredutível à razão — Wahl se apressa em “distinguir dois graus de empirismo”. O grau mais baixo se contenta em simplesmente “tomar o ser como dado” e “se recusa a colocar o problema [desse ser irredutível à razão]”, ao passo que o empirismo de “segundo grau” seria aquele que não se furta a colocar o problema nos termos de uma valorização do concreto em detrimento da razão, e que assim se permite fazer aquilo que pareceu frequentemente o privilégio do racionalismo: *metafísica*. Nesta medida, tal empirismo de grau superior “passaria pelo racionalismo” e suas ambições ontológicas e críticas, mas “o ultrapassaria”, buscando realizá-las sem apelar à suposta identidade entre ser e razão.<sup>37</sup>

O percurso de Wahl é marcado por uma verdadeira militância filosófica em favor desse empirismo de segundo grau. É o que testemunham dois dos seus principais trabalhos: *Existence humaine et transcendance*, de 1944, e o *Traité de métaphysique*, de 1953 — este último, baseado em aulas ministradas no final dos anos 1940 na Sorbonne,

---

<sup>36</sup> WAHL, J. *Vers le concret: études d'histoire de la philosophie contemporaine* Paris: Vrin, 1932, p.1.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p.6-7.



às quais Deleuze teria assistido<sup>38</sup>. Ecoando o prefácio a *Vers le concret*, Wahl lamenta em ambos os textos que o empirismo tradicionalmente tenha “se interrompido diante das questões fundamentais”, deixando ao racionalismo “os prestígios do alto pensamento”. É preciso “ir *mais alto*”, conclama ele, “até uma *significação metafísica do empirismo*”.<sup>39</sup> Até certo ponto, Wahl indica que tal significação remete a uma tendência geral do pensamento moderno, manifesta em filosofias tão díspares quanto as de Hume, Kant, Fichte, Kierkegaard, Nietzsche, Russell, Husserl ou Heidegger, entre outros. Mas os exemplos privilegiados e mais íntegros desse alto empirismo, cujo poder de “revolucionar”<sup>40</sup> a metafísica Wahl se ocupou em afirmar e cujas possibilidades ele não se cansou de explorar, são a filosofia positiva de Schelling, a filosofia do processo de Whitehead, o pluralismo e empirismo radical de William James e a filosofia da intuição e da duração de Bergson. Dos três últimos, por sua vez, pode-se dizer que são certamente aliados de primeira ordem de Wahl, que costuma abordar mais detalhadamente suas ideias e incorporá-las mais diretamente a seu próprio pensamento.

A esta altura, já podemos pensar, portanto, que Deleuze, ao botar lado a lado Schelling e Bergson sob o signo do empirismo superior e ao empreender mais tarde uma extensa exploração da filosofia do segundo, à qual reconhece como uma filosofia transcendental, está respondendo à incitação de Wahl. A profundidade desse alinhamento e sua continuidade ao longo da obra deleuziana será explorada a seguir, a partir do tema de uma certa equivalência entre empirismo e pluralismo e do nome dos outros dois aliados principais de Wahl, William James e Whitehead.

### **Empirismo e pluralismo em Deleuze nos anos 1950-1960 — alianças com Whitehead e James.**

Há dois momentos chave da sua trajetória nos quais Deleuze instala expressamente seu pensamento no espaço da relação entre empirismo e pluralismo. Já mencionamos acima um deles, o prefácio a *Diálogos* de 1987. O outro é um projeto de tese que Deleuze envia a Jean Hyppolite ainda no final dos anos 1950”.<sup>41</sup> Um texto

---

<sup>38</sup> BIANCO, G. “Philosophies du ET. Que se passe-t-il entre (Wahl et Deleuze)?” Op. cit.

<sup>39</sup> WAHL, J. *Existence humaine et transcendance*. Neuchatel: Ed. de la Baconnière, 1944, p.18-20. WAHL, J. *Traité de Métaphysique*. Paris: Payot, 1968, p.411, 699.

<sup>40</sup> V. WAHL, J. *Traité de Métaphysique*, op. cit., p.5-9.

<sup>41</sup> O projeto endereçado por Deleuze a Hyppolite é citado por BIANCO, G. “Philosophies du ET. Que se passe-t-il entre (Wahl et Deleuze)?” Op. cit.

precoce e outro tardio. Do primeiro ao segundo, pode-se, portanto, atravessar praticamente todo o percurso deleuziano sob o signo daquela relação. Não estaríamos dessa forma diante de traços do próprio gosto filosófico de Deleuze, da sua maneira de fazer filosofia? A isso deveria se somar o fato de que nos encontramos também diante daquilo que une o seu pensamento ao de Wahl — e, através dele, a seus aliados.

No texto de 1987, como já se pôde observar acima, Deleuze reconhece ter *sempre* se sentido “um empirista, isto é, um pluralista”. Essa “equivalência empirismo-pluralismo”, por sua vez, derivaria, segundo ele “de dois aspectos pelos quais Whitehead define o empirismo: o abstrato não explica, mas deve ser ele próprio explicado; não se busca recuperar o eterno, o universal, mas encontrar as condições pelas quais algo novo se produz (*creativity*)”<sup>42</sup>. Whitehead de fato faz essas afirmações em *Processo e realidade*<sup>43</sup>, mas não se trata para ele ali exatamente de definir o empirismo como alega Deleuze, tampouco é sugerido que derive daí algum tipo de pluralismo. É Wahl, por outro lado, quem afirma expressamente, no artigo “A filosofia especulativa de Whitehead” publicado em *Vers le concret*, que o pensamento de Whitehead conduz “naturalmente a um empirismo” e que tal empirismo é “fundado” sobre as ideias de que a “tarefa da filosofia” é explicar o abstrato e não derivar a partir dele o concreto, e de que a criatividade real é anterior e fundamental em relação às Formas abstratas.<sup>44</sup> Quanto à equivalência com o pluralismo, por outro lado, não é a respeito de Whitehead que Wahl vai notá-la, mas sim de William James.

Notemos primeiramente que há uma presença oculta de James em *Diferença e repetição* relacionada a essa equivalência, como mostra o mencionado projeto enviado ainda nos anos 1950 a Jean Hyppolite. Nele, Deleuze já se dedica precocemente ao que chama de filosofia da diferença e afirma que tal filosofia é “o pensamento daquilo que constitui a diferença do diverso”. James é então mencionado, ao lado de Nietzsche, como autor de uma autêntica “filosofia da diferença” e tem seu nome associado a temas como a “elaboração de um pensamento da diferença no empirismo”, a “ligação essencial entre empirismo e pluralismo” e o pensamento da diferença como uma “filosofia do E”. E, ao notar que o “gosto e o jogo do diverso” caracterizam o pensamento da diferença, Deleuze imediatamente saúda a “descrição admirável do diverso em James”.

---

<sup>42</sup> DELEUZE, G. “Préface pour l’édition américaine de Dialogues.” Op. Cit., p.284.

<sup>43</sup> WHITEHEAD, A. N. *Process and reality*. Nova York: Free Press, 1978, p.19-20.

<sup>44</sup> WAHL, J. *Vers le concret*. Op. Cit., p. 134.

Deixando para depois o tema da filosofia do E, concentremo-nos na “ligação essencial entre empirismo e pluralismo” e no “gosto” pelo “diverso” e seu jogo. Esse último é certamente um gosto *empirista*. No vocabulário kantiano que Deleuze escolhe mobilizar, o “diverso” não é mais que a experiência imediata, o propriamente “empírico”; trata-se nas palavras de Wahl que lemos mais acima, do “concreto” ou do “real”, ao qual o empirista dá o maior valor e em torno do qual ele deve construir sua filosofia. É, sem dúvida, esse concreto que James visa quando afirma que a filosofia deve tomar “perceptos concretos como primordiais e conceitos como sendo de origem secundária”<sup>45</sup> A condição para entender o que isso significa é não confundir tal privilégio com uma cláusula empirista simples do tipo “toda ideia, para ser válida, deve designar uma experiência concreta”. O empirismo, o privilégio do concreto, no caso de James, resulta em uma “postura filosófica” que, voltada à “cruza da experiência” e deparada com o aspecto eminentemente passageiro, fragmentário e contingente do mundo nessa sua “primeira forma crua”, não cede à tentação de “redimi-lo” de tal aspecto pelas vias do “esforço intelectual” que fixa o movimento incessante em totalidades conceituais abstratas, mas antes conserva da experiência justamente seu aspecto mutante, incerto e incompleto, assumindo que *essa* é a “forma permanente do mundo” e que só resta à filosofia ser uma filosofia *desse* mundo, isto é, de um universo múltiplo e em devir, que encontra no desenrolar concreto do tempo e na produção contingente da novidade — não na eternidade abstrata do conceito — sua exigência fundamental. Isso, desde o prefácio a *Will to believe*, de 1896, significa que o empirismo radical deve ser imediatamente um *pluralismo*.<sup>46</sup> Eis aí, portanto, a “ligação essencial”, a “equivalência”, entre empirismo e pluralismo, sob cujo signo Deleuze coloca a filosofia da diferença no projeto dos anos 1950 e o próprio conjunto do seu pensamento no texto de fins dos anos 1980.

Os alicerces de *Diferença e repetição* se constituem sobre essa ligação, como sugere o projeto enviado a Hyppolite. Ela aparece explicitamente ao menos uma vez no livro, quando, na conclusão, Deleuze aborda as categorias da filosofia da diferença enquanto empirismo superior/transcendental, nomeando-as “noções fantásticas”<sup>47</sup>. Trata-se aí, segundo ele, de “noções [...] realmente abertas”, voltadas às “condições da

---

<sup>45</sup> JAMES, W. *Some problems in philosophy*. In: *Writings, 1902-1910*. Nova York: Library of America, 1987, p. 1037. Sobre a crítica que ele dirige ao intelectualismo ou conceitualismo, além dos capítulos IV a VI de *Some problems in philosophy*, ver também os capítulos VI e VII de *A pluralistic universe*, nos quais James propõe tal crítica apoiando-se em Bergson e na distinção que entre intuição e inteligência. (JAMES, W. *A pluralistic universe*. In: *Writings, 1902-1910*. Op. Cit., p.731-767.)

<sup>46</sup> JAMES, W. *Will to believe*. In: *Writings, 1878-1899*. Nova York: Library of America, 1992, p.447.

<sup>47</sup> DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Op. cit., p.364.

experiência real e não apenas possível” e que expressam um “sentido *empírico e pluralista* da Ideia”. As próprias categorias da filosofia da diferença, portanto, se colocam sobre essa equivalência. Um exemplo desse tipo de categoria estaria na “lista de noções [...] que se encontra em Whitehead, e que faz de *Processo e realidade* um dos maiores livros da filosofia moderna”, afirma Deleuze<sup>48</sup>. Outro exemplo que ele menciona é o das tentativas filosóficas de colocar “perceptos contra conceitos”, às quais não associa nenhum nome particular. Como, no entanto, o projeto dos anos 1950 revela que *Diferença e repetição* se nutre de um importante contato com James, é possível assumir com segurança agora que é o privilégio dos “perceptos concretos” diante dos conceitos “secundários” no empirismo radical desse último que Deleuze visa.

Certamente, contudo, *Diferença e repetição* também se afasta de James, que não leva muito longe a reflexão sobre o que “constitui a diferença no diverso”, sobre a intensidade e seus meandros, assim como não assume o desafio de explicar detalhadamente o abstrato, de formular uma teoria da Razão e da Ideia. O que importa, todavia, é que, ao se arrogar tais tarefas distantes do pensamento de James e talvez repelidas em parte por ele<sup>49</sup>, *Diferença e repetição* ainda se instala deliberadamente no espaço constituído pela ligação empirismo-pluralismo que foi por ele reconhecida e desbravada. Pois se a filosofia da diferença é um empirismo superior ou transcendental deve-se acrescentar a isso que a “experiência crucial” da diferença nesse empirismo consiste, nas palavras de Deleuze, em atingir, sob as simplificações conceituais do pensamento representativo na experiência ordinária, “o elemento real mais profundo” que essa experiência “supõe” e que corresponde a um verdadeiro “formigamento de diferenças, um *pluralismo* das diferenças livres, selvagens ou não domesticadas”<sup>50</sup>. Dessa forma, portanto, Deleuze coloca expressamente seu empirismo transcendental sob o signo da “ligação essencial” empirismo-pluralismo à qual associava, desde os esboços dos anos 1950, a filosofia da diferença. E ele o faz de forma paralela a James, ainda talvez que com um alcance metafísico maior, um receio menor de “passar” e “ultrapassar” o racionalismo como falava Wahl sobre o empirismo de segundo grau. Pois o que a experiência fundamentalmente revela e o empirismo impõe como exigência filosófica ao pensamento

---

<sup>48</sup> Deleuze relata a Arnaud Villani, seu fascínio “diante do surgimento das mais bizarras categorias no começo de *Processo e realidade*”. (DELEUZE, G. *Lettres et autres textes*. Op. Cit., p.87-88.)

<sup>49</sup> Para uma crítica da leitura de James por Wahl e, através dele, por Deleuze, cf. os textos de Stéphane MADELRIEUX, “Pluralism without pragmatism” (In: *Deleuze and pragmatism*, Londres: Routledge, 2015., 90-104) e “Le platonisme aplati de Gilles Deleuze” (In: *Philosophie*. Paris: Minuit, 2008, 2, n° 97, p. 42-58).

<sup>50</sup> DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Op. cit., p.71. (Grifo nosso.)

que quer fazer jus à experiência real é, em Deleuze assim como em James, um fluxo contingente, incerto e criativo, um pluralismo selvagem, não domesticado pela razão. Daí a “profissão de fé” do empirismo transcendental, a sua declaração de princípio pluralista, que é, como Deleuze falará mais tarde, “não um princípio, mas um protesto vital contra os princípios”<sup>51</sup>:

A natureza é contingente, excessiva e mística essencialmente... As coisas são estranhas... O universo é selvagem... O mesmo só retorna para trazer o diferente. O lento giro do torno de gravar não avança mais que a espessura de um fio de cabelo. Mas a diferença se distribui sobre toda a curvatura, nunca exatamente adequada.<sup>52</sup>

A crença de base do empirista transcendental não pode ser em um princípio abstrato “mais largo” que a experiência, ela tem que ser uma crença “vital”, uma crença na natureza contingente e selvagem, na experiência como *Physis*. É “no mundo”, diz Deleuze, que o empirista faz sua descoberta fundamental — do pluralismo — e “não na sua cabeça”<sup>53</sup>. Estranha filosofia transcendental a deleuziana, portanto, que, como seu autor reconhecerá sobre o conjunto do próprio pensamento, “orbita ao redor de certa ideia da Natureza”<sup>54</sup>.

Esse trecho que expressa a “profissão de fé” do empirismo transcendental é atribuído ao “poeta Blood”. A referência bibliográfica, no entanto, é à citação dessas palavras por Wahl, em sua tese, *Les philosophies pluralistes d’Angraltherre e d’Amérique*, publicada em 1920, que tem como personagem central William James. Blood é um filósofo, místico e poeta, cuja leitura e interlocução marcam a trajetória de James, inspirando diretamente seu pluralismo, como Wahl observa tanto em sua tese quanto no estudo “William James d’après sa correspondance” de *Vers le concret*<sup>55</sup>. O artigo “A pluralistic mystic”, que James dirige especialmente àqueles leitores que têm o “gosto irresistível [...] pelos mais altos voos da metafísica”<sup>56</sup>, é inteiramente dedicado às ideias de Blood. Suas páginas trazem diversas citações desse último, mas sem maiores referências bibliográficas. É um apanhado dessas citações que Wahl cita em sua tese da seguinte maneira:

---

<sup>51</sup> DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues* Op. cit., p.69.

<sup>52</sup> DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Op. cit., p.80-81.

<sup>53</sup> DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues* Op. cit., loc. cit.

<sup>54</sup> DELEUZE, G. *Lettres et autres textes*. Op. Cit., p. 78.

<sup>55</sup> V. WAHL, J. “William James d’après sa correspondance.” In: *Vers le concret*. Op. cit., p.67-77. “[James] vai descobrir na obra de Blood essa união de vida e filosofia, há tanto tempo buscada [...] Blood [...] permitiu ao pensamento de James aprofundar o pluralismo [...]” (Ibid., p.68.)

<sup>56</sup> JAMES, W. “A pluralistic Mystic.” In: *Writings, 1902-1910*. Op. cit., p.1294.

[...] “a natureza”, diz [Blood], “é um excesso”. “A natureza é contingente, excessiva e mística essencialmente... As coisas são estranhas. Elas têm a forma de cactos. O universo é selvagem, uma presa que cheira à asa do falcão. O mesmo só volta para trazer o diferente. O lento giro do torno de gravar não avança mais que a espessura de um fio de cabelo. Mas a diferença se distribui sobre toda a curvatura, nunca exatamente adequada.”<sup>57</sup>

É daí, portanto, que Deleuze tira as palavras que cita em *Diferença e repetição*. E desse modo, ao citá-las, ele consegue se ligar simultaneamente não apenas a Blood e Wahl, mas também James. Acima, via-se como a “profissão de fé” do empirismo transcendental corresponde a uma descrição poética, intensa, da “experiência crucial” da filosofia da diferença enquanto empirismo transcendental, a experiência do mundo ou da natureza incerta e criativa, selvagem e misteriosa, cujo movimento e o avanço são estranhos à razão — isto é, o *pluralismo*. Note-se então que boa parte desse trecho citado por Wahl e Deleuze (a partir de “o universo é selvagem”) é também transcrita por James em outro texto seu, precisamente o prefácio a *Will to believe*, onde acima víamos James explicar que a atitude filosófica pluralista decorria diretamente de sua disposição empirista. E, nesse texto, ao final da citação de Blood que Wahl e depois Deleuze aproveitarão, James declara: “isso é o pluralismo poeticamente [rhapsodically] expressado”<sup>58</sup>. De mais uma maneira, portanto, as páginas fundamentais de *Diferença e repetição* sobre a experiência conduzem o empirismo superior/transcendental à convergência com o pluralismo à moda de James. Dessa vez, contudo, fica claro que essa afinidade de Deleuze com James é índice menos de uma relação direta entre os dois do que da profunda relação do pensamento do primeiro com o de Wahl.

Some-se a isso que é também Wahl, mais do que James, quem transforma expressamente a questão da equivalência empirismo-pluralismo em um verdadeiro “tema” na tese de 1920. Para James, trata-se mais de afirmar simplesmente que o pluralismo é a filosofia mais afeita à experiência real. Wahl por sua vez é quem destacará, influenciando certamente Deleuze, que o “empirismo radical aparece claramente orientado na direção do pluralismo” a tal ponto que essa última palavra poderia na verdade “aparecer como *um novo nome* para o empirismo”<sup>59</sup>. Em outro momento ele afirma que

---

<sup>57</sup> WAHL, J. *Les philosophies pluralistes d'Angleterre et d'Amérique*. Paris: Félix Alcan, 1920, p.111. Optou-se por traduzir a partir do texto em francês de Wahl e não diretamente do inglês de James, mantendo inclusive imprecisões, uma vez que é ao texto de Wahl que Deleuze se refere. Para o texto em inglês, v. JAMES, W. “A pluralistic mystic.” Op. cit., p.1303, 1304, 1312.

<sup>58</sup> JAMES, W. *Will to believe*. Op. cit., p.448.

<sup>59</sup> WAHL, J. *Les philosophies pluralistes d'Angleterre et d'Amérique*. Op. cit., p.134, 145 (grifo nosso).

empirismo radical, pluralismo e “temporalismo” estão estreitamente ligados. É porque se deve tomar os fatos tais como eles se apresentam, que se deve aceitar o tempo, e é porque as relações são exteriores aos termos que o tempo pode existir. Se tudo fosse determinado de antemão e compreendido em essências, o tempo seria apenas uma ilusão.”<sup>60</sup>

Aqui surgem duas ideias importantes. Primeiramente, a do “temporalismo” ou a “afirmação da profunda realidade do tempo”, que decorre justamente do privilégio do concreto (“os fatos tais como se apresentam”) e remete à experiência fundamental da “plasticidade” e da fluidez da realidade<sup>61</sup>, isto é, ao fato de que tal experiência é feita de efetivas mudanças, de “um vai e vem na duração fluida”, e não de “um deslocamento mecânico de universais em um domínio puramente intelectual à maneira dos lógicos de Cambridge”.<sup>62</sup>

A segunda ideia é a da exterioridade das relações aos termos. Definir o pluralismo pelo aspecto passageiro e não totalizável da experiência concreta, como filosofia do “muitos”, não do “um”, é o mesmo que dizer, para James, “que as diversas partes da realidade podem se relacionar externamente”. Isso significa justamente que não há termo no interior do qual se esgotem todas as relações possíveis, seja no âmbito das essências locais ou no da totalidade global do universo, pois nesse universo que não está nunca completo, sempre haverá “um ambiente *externo*” ao pretense termo último, no qual “algo sempre escapa” e onde “depois de toda sentença vem a palavra E [*and*]”<sup>63</sup>, um espaço no qual novas relações entre partes podem acontecer e onde tudo pode ser tomado como uma parte livre para se relacionar. E se há lugar para a novidade e a contingência nesse universo pluralista, então a “experiência mínima” do “momento passageiro com a ‘aparição da diferença’ tanto dentro dele como fora”,<sup>64</sup> isto é, o *tempo real*, não é uma ilusão. Ele pode “seguir brotando em novos momentos”, “por transições que [...] continuam o tecido experiencial” e “apresentam um conteúdo cuja individualidade nunca antes foi nem será novamente”.<sup>65</sup> Como dizia Wahl, se o privilégio do concreto (empirismo) impõe que se aceite a realidade do tempo (temporalismo), então é a exterioridade das relações aos termos igualmente testemunhada na experiência

---

<sup>60</sup> Ibidem, p.142.

<sup>61</sup> Ibidem.

<sup>62</sup> Ibidem, p.126.

<sup>63</sup> JAMES, W. *A pluralistic universe*. Op. cit., p.776.

<sup>64</sup> Ibid., p.746, 759.

<sup>65</sup> JAMES, W. “A World of pure experience.” In: *Writings, 1902-1910*. Op. cit., p. 1180-2. JAMES, W. *Some problems of philosophy*. Op. cit., p.1057.

(pluralismo) que a assegura; “para que o devir exista, deve-se admitir que as relações entre as coisas podem mudar, que as coisas podem entrar em relações novas e abandonar suas relações antigas”<sup>66</sup>, que elas se mantêm exteriores a essas relações.

Retornemos então ao Deleuze de *Diferença e repetição*. Se sua filosofia da diferença constituída sob a influência de Wahl e, através dele, de James, é uma metafísica empirista cuja experiência crucial — transcendental — é a de um mundo pluralista, então ela também deve ser um temporalismo, deve afirmar “uma visão do universo *sub specie temporis*, em sua novidade incessante”<sup>67</sup>. E certamente se trata disso. A filosofia da diferença constrói uma complexa teoria do tempo, na qual o eterno retorno trabalha em favor da linha reta do tempo, enquanto a repetição trabalha pela diferença.<sup>68</sup> Por outro lado, se a diferença é obra do eterno retorno, se é uma questão de tempo, então talvez seja possível fazer um paralelo da “aparição da diferença” no “momento passageiro” enquanto “experiência mínima” no empirismo-pluralismo de James com a “experiência crucial” do “pluralismo de diferenças livres” como experiência do tempo no empirismo transcendental deleuziano. A noção de tempo que ambas as filosofias produzem pode não ser a mesa (de fato, James não chegou a propor algo equivalente ao terceiro tempo do eterno retorno), mas o que importa aqui é que as duas impõem aos seus próprios desdobramentos as exigências de um empirismo imediatamente pluralista e temporalista, que toma o universo na forma bruta e imediata de uma “maré crescente, feita dessas ondas finitas que são os fatos e que se erguem umas sobre as outras de repente, em um furor sem regra”.<sup>69</sup> De modo que, nesse âmbito metafísico da tripla equivalência entre empirismo, pluralismo e temporalismo, a filosofia de Deleuze e de James, e funcionando como elo entre elas, a de Wahl, apresentam uma importante afinidade de gosto. Daí o aspecto de mistério e risco que as três filosofias conferem à natureza e à experiência, o tom de “filosofia do perigo, do precipício, do oceano múltiplo e insondável, do abismo [...] da coragem e [...] do medo”<sup>70</sup> que as três frequentemente assumem e que ecoa o pensamento de Nietzsche, ao qual sobretudo Wahl e Deleuze (esse último colocando-o sob o signo da equivalência empirismo-pluralismo) se alinham, assim como a poesia de

---

<sup>66</sup> WAHL, J. *Les philosophies pluralistes d'Angleterre et d'Amérique*. Op. cit., p.142. Cf. p.144: “A teoria lógica das relações exteriores torna [a novidade] possível.”

<sup>67</sup> *Ibid.*, p.114.

<sup>68</sup> Cf. DELEUZE, G. *Difference et répétition*. Op. cit., 376-379.

<sup>69</sup> WAHL. *Vers le concret*, op. cit., p. 84-85.

<sup>70</sup> *Ibid.*



Walt Whitman, à qual os três se voltam e cuja dimensão pluralista Deleuze explora em um artigo de *Crítica e clínica*.<sup>71</sup>

Quanto à noção da “exterioridade das relações aos termos”, traço pelo qual James caracteriza o pluralismo que as pretensões empiristas de sua filosofia o forçam a assumir e ao qual Wahl dá destaque em sua tese de 1920 sob o viés da equivalência com o empirismo e o temporalismo, sabe-se da importância desse tema na filosofia de Deleuze. É por essa ideia que ele definirá o empirismo, desde o início de sua trajetória em *Empirismo e subjetividade*, estudo sobre Hume que realizou sob influência de Wahl<sup>72</sup>, e sobretudo, nos anos 1970, seja no verbete sobre Hume da História da Filosofia de François Châtelet ou em *Diálogos*. Agora já podemos entender que ao definir o empirismo dessa forma, Deleuze não faz mais do que defini-lo pela equivalência com o pluralismo que James estabeleceu e Wahl destacou; afinal, como esses dois explicam, o pluralismo é precisamente a perspectiva metafísica que afirma a exterioridade das relações.<sup>73</sup> Assim, quando Deleuze se assume empirista e pluralista sem evocar a exterioridade das relações aos termos, como em *Diferença e repetição* por exemplo, pode-se estar certo que ele não deixa de se orientar por esse (anti)princípio<sup>74</sup> de instabilidade primordial. E o empirismo definido em sua ligação essencial com o pluralismo pela exterioridade das relações é, como Deleuze estabelece no verbete sobre Hume ou em *Diálogos* uma “filosofia do E”.<sup>75</sup> Vimos acima James afirmar que, no exterior sempre recolocado e renovado do universo pluralista, “depois de toda sentença vem a palavra E”. Também vimos que, no projeto dos anos 1950, Deleuze já afirma que a filosofia da diferença desenvolvida no âmbito da ligação essencial empirismo-pluralismo é uma filosofia do E — o que *Diferença e repetição* confirma, instalando-se precisamente, como já pudemos conferir, no espaço dessa ligação. Outra aparição precoce da ideia do E pluralista na obra deleuziana se encontra no artigo sobre Lucrecio publicado originalmente em 1961 que será mais tarde integrado como apêndice de *Lógica do sentido*, dando testemunho certamente de como a teoria do sentido desse livro também é

---

<sup>71</sup> Cf. Ibid., p. 69. WAHL, J. *Les philosophies pluralistes d'Angleterre et d'Amérique*. Op. cit., p.111. DELEUZE, G. *Critique et clinique*. Paris: Minuit, 1993, p.75.

<sup>72</sup> V. DOSSE, F. *G Deleuze e Félix Guattari: Biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.97. Segundo Dosse, foi Wahl “sem dúvida quem convenceu Deleuze a exumar Hume.”

<sup>73</sup> O próprio Deleuze em *Empirismo e subjetividade*, ao determinar como “ponto comum entre todos os empiristas” a proposição “as relações são exteriores aos termos”, não deixa de notar que, “quando James se diz pluralista, ele não diz outra coisa”. (DELEUZE, G. *Empirisme et subjectivité*. Op. Cit., p.109.)

<sup>74</sup> DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues* Op. cit., p.69.

<sup>75</sup> Ibid., p.69-71. DELEUZE, G. “Hume.” In: *L'île desert et autres textes*. Op. cit., p.228.

uma teoria empírico-pluralista.<sup>76</sup> Ali, Deleuze afirma que “os verdadeiros atos de nobreza do pluralismo em filosofia” começam “com Epicuro e Lucrecio” e, fazendo apelo à Natureza desse último e ao mesmo tempo ao pluralismo de James declara que

A Natureza como produção do diverso [o *concreto*] só pode ser uma soma infinita, ou seja, uma soma que não totaliza seus elementos. [...] A *Physis* não é uma determinação do Um, do Ser ou do Todo. A Natureza não é coletiva, mas distributiva [...] não é atributiva, mas conjuntiva: ela se exprime no E, não no É [...] A Natureza é traje de Arlequim [...]<sup>77</sup>

O tema empírico-pluralista da exterioridade das relações está aí mais do que manifesto, junto ao da conjunção E contra o esquema atributivo/totalizante do É. Notemos apenas a imagem do traje de retalhos do Arlequim e a afirmação de que a natureza, a experiência concreta como *Physis*, “não é coletiva, mas distributiva”. Essas últimas não são palavras propriamente de Deleuze tampouco de Lucrecio, mas sim do próprio James a respeito do pluralismo<sup>78</sup> — e novamente trata-se de uma ideia que, antes de ser apropriada por Deleuze, é destacada por Wahl em sua tese.<sup>79</sup>

### Empirismo e pluralismo após o encontro com Guattari

*O anti-Édipo* e *Mil platôs* são movidos pelo mesmo gosto empírico-pluralista que nutre o primeiro período da obra deleuziana, mesmo que já não se fale mais em “empirismo” ou “pluralismo”, assim como não se trata mais da mesma forma a história da filosofia. *Diálogos*, por sua vez, que data do período de escritura de *Mil platôs*, possui um capítulo intitulado “Da superioridade da literatura anglo-americana”, que contém uma

---

<sup>76</sup> DELEUZE, G. “Lucrece et le simulacre.” In: *Logique du sens*. Op. cit. O fato de se tratar de um artigo publicado anteriormente e adicionado ao livro como apêndice não enfraquece o argumento de que *Lógica do sentido* também se mantém sob o signo da ligação empirismo-pluralismo. O relevante nesse caso não é que o artigo sobre Lucrecio não faça parte do corpo principal do texto, mas sim que Deleuze tenha decidido publicá-lo como parte de *Lógica do sentido*, assinalando assim a intimidade dos textos. Por uma questão de economia, não nos estenderemos aqui sobre *Lógica do sentido*. Já lembramos acima que Deleuze afirma que sua lógica do sentido é “toda inspirada de empirismo”, um empirismo que, completa ele, “sabe ultrapassar as dimensões experimentais do visível” em uma “experiência alongada, desdobrada” (Ibid., p.32). Acrescentaríamos agora que, segundo declara Deleuze em *Lógica do sentido*, é “quando se abre o mundo formigante das singularidades anônimas e nômades, impessoais e pré-individuais”, que nós tocamos o “campo transcendental” do acontecimento (Ibid., p.125). Ressoa nitidamente aí decerto o “formigamento” ou o “*pluralismo* das diferenças livres, selvagens ou não domesticadas”, assim como as próprias noções de singularidade, de distribuição nômade, e de sentido, de *Diferença e repetição*.

<sup>77</sup> Ibid., p.308.

<sup>78</sup> JAMES, W. *A pluralistic universe*. Op. cit., p.777. O pluralismo, diz James, “deixa as coisas existirem distributivamente”, segundo a “forma-cada um” (*each-form*), e não “coletivamente”, submetidas à “forma-todo” (*all-form*).

<sup>79</sup> WAHL, J. *Les philosophies pluralistes d'Angleterre et d'Amérique*. Op. cit., p.122, 145, 146.

seção “Sobre o empirismo”. Todo esse capítulo pode ser lido como um texto sobre o gosto empírico-pluralista impresso não apenas na filosofia dita empirista, mas também na literatura inglesa e estadunidense, bem como em outros pensamentos tão pouco empiristas quanto anglo-americanos abordados por Deleuze (ou seria melhor dizer “na abordagem que Deleuze dispensa a esses pensamentos?”), tais quais a filosofia dos estoicos, de Espinosa e a literatura de Kafka. E mais que isso, esse capítulo expõe nitidamente como o gosto empírico-pluralista se inscreve em conceitos fundamentais de *Mil platôs*. Trata-se desse gosto pluralista certamente, pois sabemos que, ao definir o empirismo pela exterioridade das relações e como filosofia do E, é precisamente pela equivalência com o pluralismo que Deleuze o define, seja nos anos 1950 ou em *Diálogos*. Nas páginas desse último, a descrição da exterioridade e do E empírico-pluralistas passa pelos mesmos termos que os descreviam nos textos da primeira fase, sugerindo assim uma continuidade. O mundo do filósofo empirista do E, diz Deleuze, é um “mundo muito *estranho*” que se “desdobra parte a parte”, como “traje de Arlequim ou patchwork”, no qual as relações sempre escapam para “fora de seus termos, fora do conjunto dos seus termos e fora de tudo que possa ser determinado como SER, UM ou TODO”. E se um filósofo (além de Hume) é mencionado então por Deleuze como representante desse tipo de filosofia empírico-pluralista, não se trata daqueles aos quais ele a associa no projeto de *Diferença e repetição* e no prefácio a *Diálogos*, ou seja, James e Whitehead, mas sim Jean Wahl, que pode não ser o maior filósofo da França, mas é certamente, para Deleuze, o autor da maior filosofia, uma “que leva adiante a arte do E”, ao passo que Sartre, o mais importante filósofo, se deixa pegar na armadilha do SER.<sup>80</sup>

O mundo pluralista da exterioridade começa a nos remeter aí a *Mil platôs*, quando surge, ao lado do traje de Arlequim do texto sobre Lucrécio, o “patchwork”, que expressa a forma do espaço liso. Insinua-se assim a continuidade que se vem tentando afirmar, entre as exigências filosóficas empírico-pluralistas de Deleuze na primeira fase do seu trajeto e aquelas nutridas após o encontro com Guattari (um verdadeiro empirista transcendental, em suas palavras<sup>81</sup>). E essa continuidade fica ainda mais evidente se notarmos que ideias fundamentais do segundo tomo de *Capitalismo e esquizofrenia* como as de multiplicidade, rizoma e agenciamento também se instalam no espaço do E

---

<sup>80</sup> DELEUZE, G.; Parnet, C. *Dialogues*. Op. cit., p.68-72. Comparar tanto os termos como o próprio ritmo da descrição do mundo empírico-pluralista da exterioridade na página 68 com o texto sobre Lucrécio. Em ambos, esse mundo é feito de “alternâncias e entrelaçamentos”, “atrações e separações”, “nuances e grosserias”. (Cf. DELEUZE, G. “Lucrèce et le simulacre.” Op. cit., p.308.)

<sup>81</sup> DELEUZE, G. *Lettres et autres textes*. Op. cit., p.56.

empírico-pluralista. A primeira dessas ideias é por si mesma uma expressão dessa continuidade. A noção de multiplicidade se insinua no projeto dos anos 1950, depois tem suas primeiras explorações realizadas nos livros sobre Nietzsche e Bergson, para enfim se tornar, sob a fórmula do “múltiplo que se torna substantivo”, noção fundamental de praticamente todas as obras de Deleuze, desde *Diferença e repetição* a *O que é a filosofia?*, incluindo *O anti-Édipo* e *Mil platôs*. Esse último corresponde justamente a uma “teoria das multiplicidades por elas mesmas”, afirmam Deleuze e Guattari no prefácio à edição italiana. E as multiplicidades constituem o conceito empírico-pluralista por excelência. Primeiramente, elas “são a própria realidade”, o fluxo imediato do concreto, que não “supõe nenhuma unidade, não entra em nenhuma totalidade, assim como não remete a nenhum sujeito”<sup>82</sup>. Em segundo lugar, e por isso mesmo, elas são precisamente os habitantes do “estranho” e fragmentário mundo empírico-pluralista que Deleuze descobre em Wahl e James. E a imagem do traje de Arlequim ou patchwork remete justamente ao empirismo radical pluralista desse último e à sua estranha imagem do mosaico sem base. Nos mosaicos comuns, diz James,

as peças se mantêm juntas sobre uma base, base essa pela qual podem se passar as Substâncias, Egos transcendentais e Absolutos das outras filosofias. [Mas] no empirismo radical não há base; é como se as peças se mantivessem agarradas por suas margens, com as transições que se experimenta entre elas formando o cimento.<sup>83</sup>

O cimento que une as peças do mosaico pluralista é, diria Deleuze, o E que passa entre suas margens. O E é a costura que reúne tanto quanto possível os retalhos do tecido improvisado do real. De modo que as multiplicidades enquanto tais “não estão nunca nos termos [...] nem no seu conjunto ou totalidade”, mas “no E, que não tem a mesma natureza dos elementos, do seu conjunto e mesmo suas relações”<sup>84</sup>, e que também não é algo além dos elementos, conjuntos e relações, mas sim a pura “transição”, a pura conjunção entre as  $(n - 1)$  dimensões da multiplicidade. De modo que, enquanto “teoria das multiplicidades” *Mil platôs* se assume expressamente uma filosofia do E erigida sob o solo empírico-pluralista que temos examinado nas presentes páginas.

Por outro lado, em entrevista da época da publicação de *Mil platôs*, Deleuze sugere que o aspecto comum que atravessa os diferentes domínios e conceitos explorados

---

<sup>82</sup> DELEUZE, G. Guattari, F. “Préface pour l’édition italienne de *Mil plateaux*.” In: *Deux régimes de fous*. Op. cit., p.289.

<sup>83</sup> JAMES, W. *A world of pure experience*. Op. cit., p.1180. Cf. WAHL, J. *Les philosophies pluralistes d’Angleterre et d’Amérique*. Op. cit., p.103-104, 122.

<sup>84</sup> DELEUZE, G.; Parnet, C. *Dialogues*. Op. cit., p.71.

no livro, “seria talvez a noção de agenciamento”<sup>85</sup>. Não há nisso qualquer contradição com a afirmação de que *Mil platôs* é uma teoria das multiplicidades. Assim como não há contradição na afirmação de que, tal como a multiplicidade, o agenciamento também se confunde ao E.<sup>86</sup> Ao contrário, expressa-se aí o aspecto algo intercambiável desses conceitos, que compartilham características e se supõem mutuamente. No conceito de *multiplicidade* vimos o E empírico-pluralista remeter ao caráter fragmentário da experiência real, ao fato de que o todo como mera coleção ou soma provisória de aspectos mutuamente sustentados é, no máximo, um precário ser “de segunda ordem”<sup>87</sup>, feito e desfeito ao sabor de um E mais profundo que reúne tanto quanto possível as partes ou os retalhos do universo. No agenciamento, por sua vez, o E aparece sob o aspecto do “cofuncionamento”, da “simpatia”, da “simbiose” ou da “conspiração”, entre os elementos da multiplicidade.<sup>88</sup> E, no entanto, embora o agenciamento seja uma “multiplicidade que comporta vários termos heterogêneos”<sup>89</sup>, ele é a própria “unidade real mínima”<sup>90</sup>, segundo o que diz Deleuze em *Diálogos*, evocando a tradição do atomismo. Se é assim, então a simplicidade ou a indivisibilidade da qual o agenciamento goza só pode se fundar no cofuncionamento de seus termos. Ele pode ser dividido, portanto, se a conspiração for traída, se a simpatia acabar, se o funcionamento for alterado. Mas isso faz com que imediatamente o agenciamento, a multiplicidade de elementos heterogêneos que o compõe, *mude de natureza*.<sup>91</sup> Seu caráter “mínimo” é, portanto, marcado pela variação, e não pela homogeneidade propriamente dita, e é sustentado pela continuidade entre os elementos, e não por uma indivisibilidade estrita (mas uma “indivisibilidade relativa”<sup>92</sup>). O E que percorre a transição entre os termos cooperantes do agenciamento/multiplicidade é na verdade uma cadeia contínua de Es que funde os termos, proporcionando sua apreensão imediata como uma diferença “simples”. Mas caso a cadeia seja rompida e o agenciamento seja dividido — ainda que intelectualmente, analiticamente — não é mais do mesmo agenciamento que se tratará, e sim de outros agenciamentos *exteriores* a ele (ainda que sejam interiores quando tomados como partes

---

<sup>85</sup> DELEUZE, G. “Huit ans après: entretien 80.” In: *Deux régimes de foux*. Paris: Minuit, 2003, p.162.

<sup>86</sup> Cf. DELEUZE, G.; Parnet, C. *Dialogues*. Op. cit., p.73 “[...] um agenciamento. E... E... E... [...] O empirismo não é outra coisa.”

<sup>87</sup> JAMES, W. *A world of pure experience*. Op. cit., p.1160.

<sup>88</sup> DELEUZE, G.; Parnet, C. *Dialogues*. Op. cit., p.65.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p.84.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p.65.

<sup>91</sup> Cf. DELEUZE, G. & Guattari, F. *Mille plateaux*. Op. cit., p.43, 603-604 (platô 14, “O liso e o estriado”). DELEUZE, G. *Différence et répétition*, p.306-309.

<sup>92</sup> DELEUZE, G. Guattari, F. *Mille plateaux*. Op. cit., p.43.

em sua continuidade própria), outras diferenças em meio às quais ele se encontra no puro Fora. “Agenciar”, diz Deleuze, é justamente “estar no meio, na linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior”; não entre um dentro e seu fora, mas no puro Fora, entre o átomo contínuo e os elementos mutuamente exteriores e exteriores *a ele*, os quais, engajando-se em um certo funcionamento conjunto, o trazem à tona.

É claro que a complexidade do conceito de agenciamento — a relação entre o agenciamento de corpos e o de enunciação, os movimentos que o agenciamento supõe e que jogam no ritornelo — não está contida diretamente nessa ideia tampouco é contemplada pelo mero conceito de multiplicidade ao qual é assimilado nessas explicações (daí os dois serem, em certos contextos, intercambiáveis, mas não idênticos); mesmo assim, é sob as condições pluralistas desse E contínuo e do mundo ao mesmo tempo formigante e contínuo que ele exprime, que os demais desdobramentos serão elaborados por Deleuze. E se esse último admite que em *Mil platôs* o agenciamento “substitui” o conceito de máquinas desejanter<sup>93</sup> e é, nessa medida, sinônimo do desejo<sup>94</sup>, e se ambas as ideias se nutrem da ideia de multiplicidade, pode-se assumir com segurança que aquilo que vale para o gosto por trás da ideia de agenciamento em *Mil platôs* se aplica ao gosto que propõe as sínteses maquínicas do desejo em *O anti-Édipo*.

Não surpreenderá nem um pouco agora se nos dirigirmos a Wahl e o assistirmos dizer que o empirismo pelo qual se interessa e que pratica “não é de maneira alguma um empirismo atômico no sentido habitual da palavra”, posto que as partes que esse empirismo afirma contra o todo “são formas atômicas no sentido primitivo de *configurações que um corte artificial desfiguraria*”<sup>95</sup>. É praticamente a mesma afirmação que Deleuze faz sobre a multiplicidade atômica mudando de natureza quando dividida. E se o mundo pluralista de Deleuze apresenta assim certa oscilação entre os temas da continuidade dos termos no agenciamento/multiplicidade e da descontinuidade pluralista do mundo, Wahl falará de uma dialética<sup>96</sup> da continuidade e da descontinuidade no empirismo superior, segundo a qual “toda continuidade recobre uma descontinuidade e

---

<sup>93</sup> DELEUZE, G. “Huit ans après: entretien 80.” In: *Deux régimes de foux*. Paris: Minuit, 2003, p.162.

<sup>94</sup> DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues* Op. cit., p.85.

<sup>95</sup> WAHL, J. *Vers le concret*. Op. cit., p.5.

<sup>96</sup> O tema fundamental da dialética existencial de Wahl não será discutido aqui. Mas, como ele soa refratário aos ouvidos deleuzianos, que aí escutam ecos de hegelianismo, seria interessante lembrar provisoriamente que não apenas *Diferença e repetição* propõe abertamente uma dialética da Ideia, como sua bibliografia faz menção ao conjunto da obra de Wahl sob a rubrica “Dialética e diferença”. Na nota de rodapé fundamental dedicada a Wahl, Deleuze diz ainda: “Toda a obra de Jean Wahl é uma profunda meditação sobre [...] sobre a irreduzibilidade da diferença ao simples negativo; sobre as relações *não hegelianas* da afirmação e da negação” (DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Op. cit., p.81n).

toda descontinuidade recobre uma continuidade”<sup>97</sup>. Aquilo que é “mais contrário à análise”, diz Wahl, “é menos o contínuo em si mesmo do que [a] mistura de contínuo e descontínuo que é um ritmo, um volume ou uma pessoa”.<sup>98</sup> E é no próprio James que ele encontrará essa oscilação. Por exemplo, no fato de que o mesmo *A pluralistic universe* que reclama a exterioridade das relações aos termos também trata detidamente de Bergson e da “continuidade da experiência”.<sup>99</sup> Bergson por sua vez, com sua distinção entre multiplicidades de fusão na duração contínua e multiplicidades de justaposição analisáveis, é uma fonte comum para o pensamento de James, de Wahl e de Deleuze.

Retornemos então a Deleuze, para tratar de um último conceito de *Mil platôs*, o de rizoma. O rizoma é o próprio “processo imanente” de criação<sup>100</sup> que não “cessa de se estender, de se romper e se retomar”<sup>101</sup>. Ele “tem como tecido a conjunção ‘E... E... E...’”<sup>102</sup>, “um prodigioso fora que faz multiplicidade de qualquer maneira”<sup>103</sup>. A exterioridade não é simplesmente uma qualidade das relações. Ela é o meio, o fora que ronda todas as multiplicidades, o “ambiente externo” reiteradamente renovado de James e Wahl, cujo “furor sem regra” faz com que “algo sempre escape” e a novidade, esse conceito pluralista, seja possível. Se o E, signo da exterioridade em todo seu esplendor, atrai e reúne as *n* dimensões de uma multiplicidade, ele também a arranca de si mesma, a desfigura, impondo novas conexões inauditas. Dizer que as multiplicidades rizomáticas estão “no E” corresponde a dizer que elas “se definem pelo fora” e assim pela “linha de fuga [...] segundo a qual mudam de natureza ao se conectarem com outras”<sup>104</sup>. A ideia do rizoma diz respeito então à natureza<sup>105</sup> mutante, variável, das multiplicidades e agenciamentos, ao fato de que a linha de fuga cedo ou tarde se impõe. Por outro lado, do ponto de vista da atividade pensante humana, o rizoma significa que o pensamento é, também ele, eminentemente criativo, se constrói ao sabor do E empírico-pluralista e, portanto, *faz* E com o mundo. O pensamento nem espelha o mundo nem é expressão intrínseca de um sujeito pensante. O mérito da literatura anglo-americana e da filosofia empirista-pluralista que Deleuze admira é esse: elas não alimentam a ambição de decalcar

---

<sup>97</sup> WAHL, J. *Les philosophies pluralistes d'Angleterre et d'Amérique*. Op. cit., p.256.

<sup>98</sup> WAHL, J. *Vers le concret*. Op. cit., p.5.

<sup>99</sup> JAMES, W. *A pluralistic universe*, op. cit., cap. VI e VII.

<sup>100</sup> A ideia do “processo imanente” certamente pode nos remeter à do desejo como processo de produção do real em *O anti-Édipo*, cujo aspecto eminentemente empírico-pluralista vai ficando cada vez mais claro.

<sup>101</sup> DELEUZE, G. Guattari, F. *Mille plateaux*. Op. cit., p.31.

<sup>102</sup> *Ibid.*, p.36.

<sup>103</sup> *Ibid.*, 35.

<sup>104</sup> *Ibid.*, p.15-16.

<sup>105</sup> *Ibid.*, p.43.

o interior dos objetos para representá-los, nem do sujeito para expressá-lo; elas fazem E sem referência à suposta unidade inicial ou final das coisas ou do sujeito<sup>106</sup>; sempre no meio, traçam uma linha criativa conectando fragmentos e provocando mutações, insinuando-se em meio a termos, conjuntos e relações, embaralhando-os e reordenando-os, colhendo seus frutos incertos e perigosos — “o escritor inventa agenciamentos”<sup>107</sup>. O pensamento assim é “experimentação em contato com o real”. A cada vez, um agenciamento se cria com ele; um rizoma enquanto mapa *ao vivo* da experimentação vai se abrindo ao longo da cadeia de Es que ele percorre tão logo se lança no meio do fora.

O tema da experiência como experimentação remete a *Diferença e repetição* e à união dos dois sentidos da estética, por um lado teoria do sensível, por outro da experiência artística. O empirismo transcendental “como verdadeira estética” encontra seu princípio ou seu protesto contra os princípios precisamente na “profissão de fé do empirismo transcendental” de *Diferença e repetição*. E a “experiência crucial da diferença”, isto é, o pluralismo, se condensa, como podemos dizer agora com toda segurança, nas condições do E. É segundo essas condições que o mundo se constitui como formigamento de diferenças não domesticadas, que a intensidade vem à tona, e é segundo elas também que a obra de arte supõe uma experimentação ativa, viva, concreta, que leva o pensamento a se criar, à revelia do bom senso do sujeito. E o mesmo vale para as outras formas de pensamento, como a metafísica. O transcendental se mostra ao empirista em uma “experiência alongada, desdobrada”<sup>108</sup>. O empirismo transcendental, dirá Deleuze nos anos 1980, considera que o transcendental “é ele próprio experiência, experimentação”<sup>109</sup>. Isso não significa que ele está simplesmente no conteúdo sensível da experiência subjetiva nem que ele é percebido além desse conteúdo ou no seu movimento de conjunto. O testemunho do pluralismo da experiência, do formigamento de diferenças, do caos criativo que constitui o tecido (rizomático) do plano de imanência, essa “certeza da vida” que se descobre “no mundo”, é certamente aquilo que inspira o empirismo transcendental, mas até esse ponto permanecemos somente no plano dos pressupostos pré-filosóficos, e eles ainda precisam se desdobrar em conceitos. Esse é só o começo da experiência alongada; tem-se um vislumbre do transcendental, do pluralismo; mas para de fato “encontrá-lo” é preciso *criar* seu conceito. Voltar-se ao concreto no empirismo

---

<sup>106</sup> “[...] seus textos se opõem em todos os sentidos ao livro clássico ou romântico constituído pela interioridade de uma substância ou um sujeito.” (Ibid., p.16.)

<sup>107</sup> DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues* Op. cit., p.65.

<sup>108</sup> DELEUZE, G. *Logique du sens*. Op. cit., p. 32.

<sup>109</sup> DELEUZE, G. *Lettres et autres textes*. Op. cit., p.90.



superior deleuziano não é ater-se estritamente ao fato imediato, mas sim seguir o seu princípio pluralista-diferencial-rizomático, fazer E com a Natureza, esposar seu movimento, estar no mundo e acreditar nele — pois “acreditar” não é apenas repetir uma profissão de fé, mas se comportar segundo ela.

Cabe então um último paralelo com Wahl que expressa realmente uma afinidade de gosto, mais que uma influência direta, pois remete a um livro publicado por ele em meados dos anos 1960, quando a filosofia deleuziana já se erguia sobre as próprias pernas. Wahl fala então de uma “experiência metafísica” e diz que cada filosofia tem a sua. Assumir que há uma experiência metafísica, explica ele, implica afirmar “que a metafísica não é um conjunto de dogmas, que não há filosofia eterna [e] que cada um deve ser seu próprio filósofo, retomar por si, em si, a filosofia”<sup>110</sup> — significa que cada um, portanto, deve conduzir sua própria experimentação filosófica, agenciá-la, fazer e com o mundo, criar. Note-se então que tal afirmação que aproxima Wahl da concepção do pensamento como experimentação pluralista de Deleuze, desbanca tanto o dogmatismo ao qual a Crítica kantiana se refere quanto o próprio criticismo, afinal, o transcendental kantiano, segundo suas pretensões, não pode de forma alguma ser experiência, experimentação, mas antes deve fornecer a estrutura universal que precederia toda experiência.

### **Conclusão — sobre o empirismo transcendental**

Ao longo do presente percurso muitas questões foram deixadas para trás conforme se avançava e outras sequer foram trazidas à tona. O mais importante conceito que não foi abordado acima, apesar de ser fundamental no pensamento de Wahl e Deleuze e manter relações com todas as ideias abordadas, é o de *intensidade*. Também seria proveitosa a comparação da “dialética existencial” de Wahl com a teoria da Ideia de Deleuze que se desenvolve de *Diferença e repetição*<sup>111</sup> até *O que é a filosofia?*.

Mas a prioridade do momento foi sustentar a hipótese de que há uma fundamental afinidade de gosto, de estilo de pensamento, entre Wahl e Deleuze e uma presença efetiva do pensamento do primeiro nas ideias do segundo que aproxima as duas filosofias tanto no nível dos pressupostos quanto no dos conceitos, de tal modo que o pensamento de

---

<sup>110</sup> WAHL, J. *L'expérience métaphysique*. Op. cit., p.31.

<sup>111</sup> Quando Deleuze, ao tratar das noções fantásticas empírico-pluralistas, fala da oposição de noções “existenciais” a “essenciais”, trata-se aí de uma referência a Wahl que figura, no mesmo trecho, ao lado da referência não nominal a James (perceptos contra conceitos) e da evocação expressa de Whitehead. (DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Op. cit., p.364.)

Wahl se torna uma excelente *via de acesso* à filosofia deleuziana, tão importante quanto a via oferecida por aqueles autores sobre os quais Deleuze escreveu diretamente e capaz, inclusive, de lançar luz sobre as leituras deleuzianas da história da filosofia. Propôs-se então a imagem de que a filosofia deleuziana atende à conclamação de Wahl ao empirismo superior, assumindo seus compromissos pluralistas, mantendo alianças estratégicas e colhendo alguns de seus resultados mais importantes. Reuniu-se diversos exemplos para reafirmar essas proposições, em um vai e vem entre os escritos de Wahl — também de seus aliados, sobretudo James — e textos de diferentes momentos do trajeto de Deleuze que confluiu para a ideia do E. Conceitos foram levantados e comparados segundo suas exigências e seus efeitos mais gerais. Nesse movimento, a via de acesso wahliana à filosofia de Deleuze começou a ser explorada, mas sem maior profundidade. Essa exploração mais profunda e a abordagem dos temas citados acima deverá ser empreendida em outras ocasiões (na dissertação cujos esforços este texto continua, isso foi feito em parte). Façamos, entretanto, uma pequena experiência nesse sentido, demonstrando as importantes modificações aportadas à noção do empirismo transcendental quando se a acessa pela via da metafísica empirista de Wahl.

O empirismo transcendental de Deleuze é frequentemente tomado como uma filosofia crítica “no sentido kantiano” de uma estrita “crítica do pensamento”. É famosa a afirmação derivada de François Zourabichvili: “não há ontologia de Deleuze”.<sup>112</sup> Para sustentá-la, ele evoca a fórmula deleuziana da “reversão da ontologia”. Todo o percurso acima, entretanto, sugeriu que o empirismo transcendental deleuziano se assenta sobre o espaço da equivalência empirismo-pluralismo estabelecida por James e explorada e transmitida por Wahl, e que assim o pensamento de Deleuze — como o próprio reconhece — “orbita ao redor de certa ideia da Natureza”<sup>113</sup>, da *Physis*. É difícil então concordar com Zourabichvili. Ainda mais porque “reverter a ontologia”, ensina *Mil platôs*, é “instaurar a lógica do E”, capaz de “destituir o fundamento, anular o fim e o começo”.<sup>114</sup> Acontece que agora já sabemos que reverter a ontologia pela via do E significa produzir uma filosofia do mundo real pluralista, selvagem e criativo, avesso às totalizações definitivas, aos fundamentos com seus princípios e fins unitários, e não uma filosofia do SER enquanto signo precisamente da pretensão de redimir o mundo real da sua forma

---

<sup>112</sup> ZOURABICHVILI, F. *Deleuze, une philosophie de l'événement*. In: ZOURABICHVILI, F. & SAUVAGNARGUES, A. & MARRATI, P. *La philosophie de Deleuze*. Paris: PUF, 2011, p.6. SAUVAGNARGUES, A. *Deleuze. L'empirisme transcendantal*. Paris: PUF, 2009, cap. I.

<sup>113</sup> DELEUZE, G. *Lettres et autres textes*. Op. Cit., p. 78.

<sup>114</sup> DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Op. cit., p. 37.

bruta, de decalcar sobre ele tais totalizações, com seus princípios e seus fins, como se os hábitos mais triviais do intelecto — a representação, a significância, o esquema sensório motor — contivessem o segredo da metafísica. A experiência cujas condições o empirismo-pluralismo transcendental busca é, portanto, a experiência enquanto irrupção do real, não apenas como emergência do pensamento. Ou ainda: se a questão é a do pensamento, do seu funcionamento e seus direitos — como é de fato para Deleuze em boa parte tempo, principalmente nos primeiros dois livros autorais — então essa questão “orbita certa ideia da Natureza”, responde às condições de irrupção do real (exterioridade das relações, pluralismo da diferença), demanda que o pensamento torne-se parte do mundo, faça rizoma com ele na pura imanência, onde as multiplicidades atravessam os mais diferentes estratos (físicos, biológicos, psíquicos, ideais) para agenciar  $n$  dimensões, e não que ele, se torne um pensamento em “sentido kantiano”, se distancie do mundo, não se permita abordá-lo enquanto tal. Daí que a questão não se responda nos termos da representação — que mesmo “crítica” ainda diz respeito a um interior que É — mas sim nos termos do E, que cobra uma movimento de criação conceitual, uma experimentação metafísica que se conecte ao real e se some à sua maré crescente sem regra.<sup>115</sup>

Mais que Kant ou mesmo Hume, portanto, o empirismo transcendental enquanto filosofia do E empírico-pluralista traz a marca de Jean Wahl. E não é uma marca nada velada na verdade. Pois é Wahl quem, em *Existence humaine et transcendance*, define o empirismo superior por três traços principais mutuamente implicados: afetivo ou intensivo, radical ou relacional e *transcendental ou positivo*.<sup>116</sup> O empirismo transcendental, portanto, não pode mais ser tomado como uma criação de Deleuze, fruto de sua suposta ambição de levar adiante o projeto da crítica do pensamento nas condições de uma distorção empirista, algo que o teria levado então a promover uma insólita mistura Kant e Hume. Antes, a ideia do empirismo transcendental é encontrada por Deleuze em Wahl, assim como a fórmula que o define. Pois é Wahl quem afirma que o empirismo transcendental “busca as condições segundo as quais a experiência é, não diremos possível, mas sim real”.<sup>117</sup> O exemplo privilegiado desse tipo de pensamento é, para Wahl, a filosofia positiva de Schelling. E o positivo ao qual tal filosofia se volta é, “em

---

<sup>115</sup> Deve-se reconhecer que, apesar de sua visão kantiana, Zourabichvili tanto entende que a noção de imanência desempenha um papel chave no empirismo transcendental quanto aponta que a busca das condições da experiência é por si mesma uma experiência (ZOURABICHVILI, F. *Le Vocabulaire de Deleuze*. Paris: Ellipses, 2003, “Empirisme Transcendantal”.)

<sup>116</sup> WAHL, J. *Existence humaine et transcendance*. Op. cit., p.18-20. WAHL, J. *Traité de Métaphysique*, Paris: Payot, 1968, p.699.

<sup>117</sup> WAHL, J. *Existence humaine et transcendance*. Op. cit., p.18.

toda parte”, segundo seu autor, a “existência real”, e não o pensamento<sup>118</sup>. O supra-empírico que essa filosofia almeja é um “meta-empírico”<sup>119</sup> que encontramos ao levar o empirismo “às últimas consequências”<sup>120</sup>. As condições da experiência real são, portanto, para Wahl, condições da *existência*, da experiência enquanto irrupção do mundo tal como dizíamos, e não condições imediatamente do pensável. E como Wahl afirma que essa filosofia transcendental que busca as condições do concreto se funda “na realidade da contingência”<sup>121</sup> que tanto Schelling como Bergson, James e Whitehead afirmam, podemos dizer que ela é justamente a filosofia que se erige no espaço da ligação ou da equivalência entre empirismo, pluralismo e temporalismo destacada por Wahl em seus escritos precoces sobre James, os quais certamente tiveram um grande efeito sobre Deleuze. Afinal, a “realidade da contingência”, como já pudemos ver, é uma evidência da *experiência concreta* que implica a *exterioridade das relações*, enquanto dá testemunho da *realidade do tempo*. O empirismo transcendental, portanto, já é com Wahl, antes de ser apropriado por Deleuze, uma filosofia do E nos termos que podemos propor acima, isto é, voltada ao concreto e tributária de suas exigências.

Novamente, não é o caso de postular uma simples equivalência entre o empirismo transcendental de Wahl e o de Deleuze. Há variações de curvatura que precisam ser exploradas. Certamente Deleuze faz uma passagem mais extensa e mais profunda pelo racionalismo e pelo problema do pensamento. Isso sem dúvida interfere no aspecto do seu próprio empirismo transcendental, que em algum sentido pode ter um gosto um pouco mais kantiano que o de Wahl. De todo modo, há suficientes motivos aqui para crer que o empirismo transcendental deleuziano enquanto tal não é derivado de uma inspiração crítico-kantiana, da ambição de corrigir o projeto crítico com o princípio pluralista da exterioridade das relações, mas antes, provém de uma inspiração direta nesse mesmo princípio e, por isso, do gosto por uma filosofia do real, tanto anti-ontológica quanto anticrítica, isto é, que “ultrapassa” o racionalismo nesses dois flancos.

### **Referências bibliográficas**

BAUGH, B. *French Hegel: from surrealism to postmodernism*. N. York/Londres: Routledge, 2003.

---

<sup>118</sup> SCHELLING, F. W. J. *Essais*. Paris: Aubier, 1946, p. 463-464.

<sup>119</sup> WAHL, J. *Vers le concret*. Op. cit., p.7

<sup>120</sup> SCHELLING, F. W. J. *Essais*. Op. cit., p.521.

<sup>121</sup> WAHL, J. *Existence humaine et transcendance*. Op. cit., p.18

BERGSON, H. "Introduction à la métaphysique." In: BERGSON, H. *La pensée et le mouvant*. Op. Cit.

BIANCO, G. "Philosophies du ET. Que se passe-t-il entre (Wahl et Deleuze)?" Comunicação apresentada na *Journée Jean Wahl, le multiple*. Paris, Centre international d'étude de la philosophie française contemporaine ENS, 2005.

DELEUZE, G. *Conversations*. São Paulo: Editora 34, 2008.

\_\_\_\_\_. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968.

\_\_\_\_\_. *Deux régimes de fous*. Paris: Minuit, 2003.

\_\_\_\_\_. *Le bergsonisme*. Paris: PUF, 2004.

\_\_\_\_\_. *Lettres et autres textes*. Paris: Minuit, 2015.

\_\_\_\_\_. *L'île désert et autres textes*. Paris: 2002.

\_\_\_\_\_. *Logique du sens*. Paris: Minuit, 1969.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Minuit, 1983.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980.

\_\_\_\_\_. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 2002.

DELEUZE, G. & PARNET, C. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1996.

DOSSE, F. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: Biografia cruzada*. P. Alegre: Artmed, 2010.

FAYE, J-P. "J'étouffe, je te rappellerai." In: *Libération*, Paris, 7 novembro 1995. Disponível em: <[https://next.liberation.fr/culture/1995/11/07/j-etouffe-je-te-rappellerai\\_150471](https://next.liberation.fr/culture/1995/11/07/j-etouffe-je-te-rappellerai_150471)>. Acesso em: 17 julho 2020.

\_\_\_\_\_. "Inlassable questionneur." In: Ory, P (org.). *Mots de Passe, 1945-1985: petit abécédaire des modes de vie*. Paris: Autrement, 1985.

JAMES, W. *Writings, 1878-1899*. Nova York: Library of America, 1992.

\_\_\_\_\_. *Writings, 1902-1910*. Nova York: Library of America, 1987.

MOORE, A. & SCHRIFT, A. "Existence, experience and transcendence: an introduction to Jean Wahl." In: MOORE, A. & SCHRIFT, A. (orgs.) *Transcendence and the concrete: selected writings*. Nova York: Fordham University Press, 2017.

SANTOS, B. *Metafísica e exterioridade: Jean Wahl e o gosto empirista de Deleuze*. 2017, 108p. Dissertação (Mestrado) PPGFIL UnB, Brasília.

- SAUVAGNARGUES, A. *Deleuze. L'empirisme transcendantal*. Paris: PUF, 2009.
- SCHELLING, F.W.J. *The grounding of positive philosophy. The Berlin lectures*. Albany: SUNY Press, 2007.
- SCHELLING, F. W. J. *Essais*. Paris: Aubier, 1946.
- WAHL, J. *Existence humaine et transcendance*. Neuchatel: Ed. de la Baconnière, 1944.
- \_\_\_\_\_. *L'expérience métaphysique*. Paris: Flammarion, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Les philosophies pluralistes d'Angleterre et d'Amérique*. Paris: Félix Alcan, 1920.
- \_\_\_\_\_. *Traité de Métaphysique*. Paris: Payot, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Vers le concret: études d'histoire de la philosophie contemporaine*. Paris: Vrin, 1932.
- WHITEHEAD, A. N. *Process and reality*. Nova York: Free Press, 1978.
- ZOURABICHVILI, F. *Le Vocabulaire de Deleuze*. Paris: Ellipses, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Deleuze, une philosophie de l'événement*. In: ZOURABICHVILI, F. & SAUVAGNARGUES, A. & MARRATI, P. *La philosophie de Deleuze*. Paris: PUF, 2011.

*Recebido em 23/07/2020*

*Aprovado em 22/01/2021*